



## **RELATO DA RODA DE CONVERSA (VIRTUAL) REALIZADA NO DIA 14/04/2020**

### **Como os CAPS do estado do Rio de Janeiro estão funcionando durante a pandemia? Compartilhando experiências.**

No dia 14 de abril de 2020, a Frente Estamira de CAPS realizou um encontro virtual, através da ferramenta Zoom, com a finalidade promover o compartilhamento de experiências sobre o funcionamento dos CAPS no estado do Rio de Janeiro durante a pandemia de COVID-19. O encontro teve início às 16:00 e contou, em seu momento de maior participação, com a presença virtual de até 36 profissionais diversos, atuantes em CAPS, CAPSi, CAPS-ad e residências terapêuticas, bem como apoiadores institucionais e membros da equipe de apoio da Frente Estamira. Em função da limitação de tempo na modalidade gratuita do aplicativo Zoom, cujas reuniões se encerram após 40 minutos decorridos desde o início, o encontro teve duas interrupções até o seu término, que se deu às 17:30. Ao longo do encontro, o número de participantes oscilou.

Mariza Lutterbach, que trabalha em dois CAPS nos municípios de Cantagalo e Macuco (região Serrana), relatou que ambos os serviços têm realizado escala de funcionários, com interrupção das atividades grupais e manutenção de atendimentos individuais. Dos 16 municípios que compõe a região, a maioria deles confirmou em reunião anterior os CAPS abertos com essas adaptações, mantendo suporte e atenção à crise. Descreveu que material de EPI tem chegado vagarosamente e de forma precária, o que não é incomum na saúde mental, pois sempre que chega alguma coisa é porque os profissionais cobram bastante. Segundo ela, não se ouviu nos dois municípios nenhum relato sobre usuários com COVID-19. A assessoria tem perguntando constantemente como está a postura diante da desinstitucionalização, e a resposta é que no momento estão parados em relação às retiradas de instituições, mas os trabalhadores se mantêm nessa perspectiva.

Polyana Figueira, trabalhadora no CAPS São João de Meriti, informou que lá as equipes estão fazendo plantão de 8h a 16h em porta aberta, realizando acolhimento, atendimento à crise, suporte aos ambulatórios, bem como distribuição de medicamentos. Sobre visitas domiciliares, estão priorizando pessoas que utilizam medicamentos injetáveis e idosos. Quanto ao uso de EPI, relata que há o básico, como luva e álcool. Não há relato de casos de COVID-19 entre usuários.

Camille, trabalhadora do CAPSi no mesmo município, relatou um cenário muito parecido com o descrito por Polyana. O CAPSi tem ficado aberto de 12h a 18h para atender urgências, realizar acolhimento de casos graves, liberar receitas e medicações; com redução dos dias de trabalho para cada profissional. Entram sempre em contato com os responsáveis das crianças para saberem como estão e frequentemente fazem atendimento por telefone. Há máscara de proteção, álcool gel e luvas.

Hérica Gonçalves e Fábio, do CAPS-ad Júlio César em Santa Cruz, zona oeste do Rio de Janeiro, relataram que tem percebido o aumento da população em situação de rua, no domínio das milícias, e também aumento da violência. A equipe está tensa, a coordenação tem trabalhado para diminuir essa tensão. Há EPI para as situações em que o uso é indicado, conforme nota técnica da secretaria municipal de saúde. Relatam que não tem sido fácil manejar o trabalho, estão com pontos de apoio no território, e trabalham em articulação com APS na perspectiva da redução de danos. Tem colocado em prática as notas técnicas emitidas pelo Ministério e criaram equipe de resposta rápida com médicos e enfermeiros, para atendimentos aos usuários com questões respiratórias. Percebem que os usuários AD ficaram na “sobra” da sociedade, pois não conseguiram “ir para a casa”, e as maiores questões aparecem no sentido de não conseguirem mais lugar para se higienizarem e se alimentarem. Além disso, a milícia tem sido bastante hostil com esses usuários.

Juliana Vinhais, de Silva Jardim, relata que funcionários do CAPS que não moram no município e estão em isolamento em suas cidades estão impedidos de irem até lá. O CAPS está funcionando parcialmente, com parte da equipe de enfermagem e duas psicólogas fazendo escala entre as duas residências terapêuticas (RT), a unidade de acolhimento (UA) e casos mais graves. A carga horária de todos está reduzida. A psiquiatra está atendendo em um dia da semana no CAPS e indo à Policlínica atender os pacientes internados pela psiquiatria. A cidade está bem mobilizada, possuindo seis casos suspeitos e um confirmado de COVID-19. Parte da equipe de saúde mental (assistentes sociais, enfermeira e técnicos de enfermagem) foi alocada para atuar na linha de frente do hospital geral (policlínica), o que gerou descontentamento entre os profissionais. Aqueles que não estão indo até a cidade estão fazendo plantão online, atendendo a profissionais, pacientes e a população de Silva Jardim como um todo em *home office* por meio do WhatsApp. Juliana descreve que a situação está muito tensa, as pessoas estão bastante preocupadas.

Bárbara, que é coordenadora do CAPS II em Resende, relatou que não há dificuldade no recebimento de EPI no CAPS. Os atendimentos estão reduzidos, há tensões nas equipes. As equipes estão reduzidas por dificuldades de deslocamento, uma vez que muitos dos profissionais que moram no Rio estão com dificuldades de chegarem ao município. Aos que moram mais perto como em Barra Mansa ou Volta Redonda, a prefeitura de Resende disponibilizou vans para transporte. As atividades de grupo foram suspensas, com exceção de um grupo onde a profissional de referência entendeu que seria viável realizar on-line, semanalmente. Atendimentos individuais acontecem apenas para casos graves e situações de

urgência, e os demais têm sido monitorados por telefone. A prefeitura está oferecendo serviço de atendimento psicológico telefônico para os moradores da região, com 4 psicólogos e 1 psiquiatra, visando apoio em saúde mental para toda a população.

Wilson Zózimo, coordenador de saúde mental do município de Arraial do Cabo, informou que o CAPS de Arraial tem funcionado em meio período, com rodízio de profissionais. Os profissionais têm tentado conseguir EPI mínimo e estão atendendo de forma on-line com agenda fechada. Às emergências atendem presencialmente, relatando que curiosamente têm havido poucos casos graves como ideação e tentativa de suicídio. Estão atendendo também as pessoas que estavam agendadas para primeiro atendimento. Destaca que estão atentos e preparando estratégias para o tema da violência doméstica, pois esperam o aumento desses casos em função da situação atual. Em Arraial do Cabo, estão com dois casos confirmados de COVID-19, sendo um deles óbito.

Lílian Monsores, que trabalha numa unidade de acolhimento que é um braço do CAPSi em Campos dos Goytacazes, informou que o trabalho foi redirecionado a um abrigo provisório para pessoas em situação de rua, sendo que algumas das pessoas que estão sendo atendidas neste abrigo já passaram pelo serviço de saúde mental dessa região. Lílian destacou que, se antes a população em situação de rua já não era bem-quista, nesse momento, apesar do entrosamento da rede, viu profissionais de saúde recusando atendimento clínico a uma gestante sob a justificativa de “deixa pra quem precisa, eles já estão acostumados”, o que relatou como angustiante. Informou que estão com uma média de 20 pessoas no abrigo, com controle por papel para entrada e saída, o que tem sido um desafio para uma população acostumada a circular. Menciona que a equipe tem tentado trabalhar a consciência de que o autocuidado de um é importante para todos, e que há um medo nos usuários de o abrigo ser apenas provisório. Conta ainda que têm ocorrido muitas demandas de tentativa de suicídio e automutilação.

Fernanda Chagas, psicóloga e coordenadora do CAPS-ad III de Campos dos Goytacazes, informou que estão funcionando de 8h a 15h, mas há enfermeiras no plantão de 24h. Há uma equipe mínima todos os dias para acolhimento de casos novos e atendimento de emergências. Foram suspensos os grupos, as crises têm sido atendidas individualmente, e há manutenção no fornecimento de alimentação, medicações e disponibilização de leitos, pois há na região uma demanda muito grande de pessoas em situação de rua. Estão dando suporte para as pessoas que fazem uso abusivo de substâncias, na perspectiva de informar e reduzir danos, tanto dos que estão em abrigo, quanto dos que estão nas ruas. As visitas domiciliares estão mantidas apenas para casos mais graves.

Mayra Balthar, psicóloga trabalhadora no CAPS Casa do Largo em Niterói (região Metropolitana II), relata que estão trabalhando em escala priorizando os atendimentos à crise, que estão sendo feitos em lugar aberto. O fornecimento de alimentação está mantido para aqueles que não conseguem de outra forma, as atividades de grupo foram suspensas e algumas visitas domiciliares estão mantidas. Estão fazendo vídeo-chamadas com os usuários que estão institucionalizados, pois as visitas em hospitais estão proibidas, além de visitarem as

residências terapêuticas. Percebe que a situação de isolamento faz com que os usuários demandem mais do que em geral, e informou que os profissionais estão usando EPI o tempo todo.

Ingrid Corrêa, psicóloga trabalhadora no CAPS de Rio das Ostras, descreveu que os atendimentos médicos estão mantidos e que grupos estão suspensos. Os atendimentos estão acontecendo majoritariamente por telefone, mas atendem presencialmente os casos em que a equipe avaliou ser necessário. O pronto-socorro muitas vezes não tem atendido por dificuldade de acesso, falta de ambulância e risco de contaminação. Ao CAPS têm chegado alguns usuários com medo, em crise, outros por tentativa de suicídio. Não estão fornecendo alimentação. Todos os profissionais estão usando máscara desde quinta-feira, dia 09 de abril.

Renata Antum, psicóloga e coordenadora do Serviço de Residência Terapêutica de São Pedro d'Aldeia, contou que os cuidadores de lá estão acompanhando os moradores em atividades como ir a padaria, visto que atitudes como apertar a mão das pessoas na rua são comuns. Na RT há EPI, o que é bastante novo para os moradores de lá. Relatou que alguns cuidadores estão afastados, e que ela está em casa por ser do grupo de risco. Com isso, tem realizado videochamadas todos os dias com os moradores, e conta que a compreensão por parte deles às vezes é difícil. Descreve dificuldades específicas na compreensão de alguns com deficiência intelectual.

Célia Martins, apoiadora institucional na região Norte e Noroeste, informou que a Secretaria de Saúde tem realizado reuniões semanais on-line com as regiões para levantar dados de boas práticas, disponibilizando notas técnicas. Estão estudando o cofinanciamento para ajudar as regiões nesse momento e têm pensado na organização de um fórum on-line para o mês de maio.

Júnia Prosdocimi, trabalhadora da atenção primária na região da Baixada Litorânea, relatou que o CAPS de Búzios está funcionando, com os trabalhadores que conseguem se deslocar indo em seus dias de trabalho. Existe monitoramento de pacientes estáveis por telefone, mas não são a maioria, e as atividades coletivas estão suspensas. Atendimentos individuais para casos considerados mais graves permanecem sendo realizados. Há refeições para os usuários.

Luciana Vidal, terapeuta ocupacional no CAPS Saquarema, informou que a equipe está reduzida, trabalhando todos os dias de 8h a 12h, com manutenção de atendimentos presenciais com psiquiatras e suspensão de grupos. Ela está realizando atendimentos por telefone, uma vez que mora em Arraial do Cabo. Os trabalhadores estão priorizando pacientes em crise para atendimento presencial. A disponibilização de refeições não está acontecendo, e Saquarema disponibilizou atendimento por telefone com psicólogos para a população. Não há caso de COVID-19 entre usuários de CAPS da região. Contou que estavam num processo de abertura de um CAPS-ad, com transferência de equipes de CAPS I para CAPS II, quando houve o início do isolamento social, e com isso a inauguração precisou ser adiada, de forma que os pacientes AD estão sendo atendidos no CAPS já existente.

Após os relatos da situação de funcionamento dos serviços nas regiões, Pedro Gabriel sugeriu que fosse feita uma síntese desta reunião para circular na Frente Estamira e para que todos os integrantes possam fazer emendas a ela. Destacou que é importante pensarmos em iniciativas de apoio para cada lugar, levando-se em conta as diferentes demandas. Exemplificou que existem áreas e populações com maior vulnerabilidade social, como a Rocinha (que já possui casos confirmados de COVID-19) e a população em situação de rua, e que por esse motivo demandam propostas específicas de apoio. Por fim, informou que na semana que vem, na terça-feira, haverá uma palestra on-line da médica clínica Eleny Guimarães Teixeira sobre desafios de ordem prática na pandemia de COVID-19.

Rio de Janeiro, 17 de abril de 2020.

Relatório redigido por Lívia Esteves e Vitória Melo, em 15/04/2020.

Revisão realizada pelos participantes, em 16/04/2020.

Frente Estamira de CAPS.